

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E JUVENTUDES SOLITÁRIAS

**O perigo de substituir as interações humanas por relações parassociais
com inteligências artificiais**

Luciano Ventura Monegatto

Tiago Bernardo de Andrade

Cauê Fernandes de Aquino

Curso de Ciências da Computação

Centro Universitário FEI

Palavras-chave: inteligência artificial, chatbots, relações parassociais,
ética, relacionamentos humanos

As relações parassociais são vínculos unilaterais, nos quais apenas uma das partes investe emocionalmente, conforme Hoffner e Bond (*apud* Chaves, 2025). Esse tipo de relação tem se tornado mais frequente com o avanço das inteligências artificiais (IAs) e dos *chatbots*, que, embora capazes de simular empatia e diálogo, carecem de emoção genuína e de reciprocidade. No contexto contemporâneo, marcado pela crescente digitalização e pela diminuição das interações presenciais (especialmente entre jovens), essas relações artificiais suscitam questionamentos éticos e psicológicos.

O uso de IAs para terapias ou aconselhamento emocional apresenta potencial positivo, podendo ampliar o acesso a cuidados básicos e oferecer acolhimento inicial. No entanto, quando a interação com máquinas passa a substituir o contato humano, abre-se um espaço perigoso para a desumanização das relações e para o enfraquecimento dos laços sociais (elementos fundamentais para o desenvolvimento da empatia, da moralidade e da identidade).

Diversos estudos da Psicologia do Desenvolvimento e da Psicologia Social, desde o século XIX, reforçam o papel central da interação social na constituição da subjetividade e na formação do comportamento humano. Como aponta Hartup (*apud* Aranha, 1993), a experiência social é de importância central para o desenvolvimento em muitas espécies. A partir da década de 1970, conforme Schaffer (*apud* Aranha, 1993), a interação social

passou a ser vista como sistema comportamental complexo, em que cada indivíduo é, ao mesmo tempo, agente e receptor de influências.

De acordo com John Bowlby (*apud* Aranha, 1993), a teoria do apego demonstra que a qualidade das relações afetivas iniciais (como o vínculo entre mãe e bebê) constitui a base da segurança emocional e da capacidade de estabelecer conexões futuras. R. A. Hinde (*apud* Aranha, 1993) complementa que a interação deve ser entendida como processo bidirecional, no qual as trocas contínuas entre os parceiros influenciam mutuamente seus comportamentos e percepções. Essa reciprocidade diferencia a interação humana genuína das simulações produzidas por inteligências artificiais.

No campo da Psicologia Histórico-Cultural, Vygotsky e seus sucessores, como Leontiev e Góes (*apud* Aranha, 1993), enfatizam que o desenvolvimento humano ocorre no plano social antes de se internalizar no plano individual. Para Vygotsky, a estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre a história individual e a história social. Assim, sem o contato com o outro, o sujeito perde a principal via de mediação simbólica que sustenta o pensamento e a linguagem.

A substituição das interações humanas por relações com IAs ameaça, portanto, a base social e intersubjetiva da construção da subjetividade. Em uma sociedade que reduz progressivamente o espaço da convivência, corre-se o risco de formar indivíduos emocionalmente empobrecidos, com menor empatia, capacidade de cooperação e compreensão do outro. A ausência de experiências sociais autênticas compromete não apenas o desenvolvimento psicológico individual, mas também o tecido social, resultando em comunidades mais fragmentadas e isoladas.

Como destacam Schaffer e Hinde (*apud* Aranha, 1993), a interação social constitui um sistema complexo de imensa relevância adaptativa para o ser humano. Ela garante a continuidade das trocas afetivas, cognitivas e simbólicas que sustentam a cultura e a coesão social. Quando esse sistema é substituído por interações parassociais mediadas por máquinas, perde-se o diálogo, a intencionalidade e a reciprocidade que caracterizam o humano.

Assim, ao mesmo tempo em que a inteligência artificial representa um avanço tecnológico notável, ela também põe em questão os limites éticos e existenciais da interação. A sociedade contemporânea precisa repensar a forma como integra essa tecnologia ao cotidiano, assegurando que elas complementem (e não substituam) as relações humanas. O desafio é manter a tecnologia a serviço da humanidade e não permitir que ela se

torne um espelho frio, no qual o sujeito busca reconhecimento sem jamais ser, de fato, reconhecido.

Referências

ARANHA, Maria Salete Fábio. A interação social e o desenvolvimento humano. **Temas em Psicologia**, v.1, n.3, 1993, p. 19-28.

Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1993000300004>. Acesso em: 7 nov. 2025.

CHAVES, Anne. Explorando o Impacto Psicológico das Interações Parassociais com Inteligência Artificial na Saúde Mental do Usuário. **Preprint Scielo**, 26 mai. 2025.

Disponível em:

<<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/12061/22043>> Acesso em: 7 nov. 2025.

VALIN, Tassiane. Relacionamentos parassociais na era digital: a Inteligência Artificial (IA) como fonte de afeto. **Blog da Pós Digital – PUC PR**, 11 set. 2025. Disponível em:

<<https://posdigital.pucpr.br/blog/relacionamentos-parassociais>>. Acesso em: 7 nov. 2025.